

Psicologia Clínica e Psicanálise: crescer com a doença mental

Há cerca de um mês comprometi-me em tentar, sumariamente, explanar a(s) possibilidade(s) e a viabilidade terapêutica da psicanálise e/ou da psicologia clínica de inspiração psicanalítica, no que à doença mental diz respeito. Em consultório, aquando duma primeira abordagem, o interesse direcciona-se muito menos para eventuais diagnósticos prévios (com frequência meros rótulos que mirram o conhecimento da criança) e, certamente, muito mais para o entendimento de quem acompanha a criança (invariavelmente, os pais, eles próprios carregados de desespero e apreensão). Mais importante, ainda, que este último, surge o *conhecimento da criança em si mesma*, ainda que descrita como “um caso perdido”, ou “apenas” como “estranha e incompreensível”.

Portugal, tão célere nos Descobrimentos, também o é nos “Encobrimentos”, i.e., se, por outras bandas, há mais de um século que a *psique* da criança é estudada e clinicamente trabalhada, por via psicoterapêutica, por cá, a realidade tem sido outra. Outrora, a Ditadura impunha-o, actualmente, espraiam-se as desculpas! Hodiernamente, são já numerosos os técnicos de saúde mental que exercem a prática da psicoterapia infantil, ou da psicanálise de crianças (estes últimos em menor número, graças às dificuldades inerentes a esta especialização). As terapias infantis são múltiplas e variadas, podendo-se recorrer às supracitadas psicanálise de crianças e psicoterapia infantil psicodinâmica, assim como a outras psicoterapias de inspiração psicanalítica com dispositivos técnicos próprios, tais como as terapias pelo jogo, os grupos terapêuticos, as terapias conjuntas pai(s) – bebé e o método de observação directa de bebês, de Esther Bick.

A Psicoterapia visa, através da utilização de um corpo teórico de leitura e de metodologias específicas, compreender a génese do sofrimento psíquico da pessoa, e nela actuar. Ao combater a doença, mais do que travar uma batalha unicamente direccionada para os sintomas, a cura torna-se possível, não obstante os obstáculos, conscientes e inconscientes, que dificultam a mesma.

A realidade mostra, por um lado, que os tratamentos psicoterapêuticos podem tornar-se morosos e dispendiosos; por outro lado, ao país faltam recursos sociais e monetários: a assistência à saúde – sobretudo à saúde mental, sempre tida como parente pobre – é cada vez mais diminuta. Mas a experiência, bem como numerosos estudos científicos, também mostram o quanto estes tratamentos constituem, cada vez mais, o

único recurso para a maior parte das patologias infantis, desmistificando o valor do fármaco enquanto única forma de cura e remetendo-o para o seu devido lugar: “muleta”, por vezes e “se” absolutamente necessária, sendo que a sua retirada deve, não só ser desejada, como concretizada.

A morosidade do processo psicoterapêutico (a duração destes tratamentos é variável) tem sido apontada como um óbice à prossecução do mesmo. Surge compreensível que, face a um sofrimento psíquico atroz, todo o segundo se torne um ano, e todo o ano, um século. O tempo mental é intemporal.

Uma vez mais, Freud prova ter razão. Ao teorizar os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico – processos primário e secundário – mostra como o primeiro caracteriza o sistema inconsciente e a imperativa necessidade de vivências de satisfação constitutivas do desejo. O hedonismo paira, algures, por aqui, bem como as mediáticas necessidades consumistas, ditas do “cidadão actual”. De facto, Psicoterapia não é *fast food*. Felizmente! Todavia, o tratamento prolonga-se por um sempre “curto tempo”, face à grandiosidade da tarefa que se propõe desempenhar.

O estabelecimento de uma nova experiência relacional – a relação terapêutica criança / terapeuta – vem permitir pensar, sentir e compreender a realidade interna dessa mesma criança, constituindo-se como uma nova ligação vincular com um carácter reparador do caos interno. Ao acreditar e confiar na importância desta nova relação, a criança permite-se revelar a sua essência ao potencial clínico investigador / descobridor, fornecendo tudo aquilo que o técnico necessita para a ajudar a (re)encontrar a harmonia duma personalidade que se (re)organiza e ousa viver.

Sónia Soares Coelho *

*

- Directora Clínica da Mentanalysis;
- Docente do Instituto Superior Miguel Torga.